

EVIDÊNCIAS SOBRE A REPRESENTAÇÃO COGNITIVA DE CONSTRUÇÕES FUNCIONAIS DO PB EM CRIANÇAS E ADULTOS SURDOS EVIDENCE ON THE COGNITIVE REPRESENTATION OF PB FUNCTIONAL CONSTRUCTIONS IN CHILDREN AND DEAF ADULTS

Lia Abrantes Antunes Soares¹

João Paulo da Silva Nascimento²

RESUMO

Neste artigo, a partir de uma investigação centrada no uso, analisa-se a representação cognitiva de construções de predicação nominal do português brasileiro (PB) instanciadas pelo padrão básico [(S) V_(funcional) X], em que se inserem os verbos *ser*, *estar* e *ficar*; protagonistas nos esquemas atributivos, equativos e apresentacionais. Para tanto, contemplam-se quantitativa e qualitativamente instâncias desses padrões em 58 produções escritas em PBL2 de 18 estudantes surdos do ensino superior e de 4 estudantes surdos do primeiro segmento do ensino fundamental, coletadas do *Corpus* do Núcleo de Estudos em InterlínguaS da UFRJ. Partimos dos pressupostos teóricos da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2016; PEREK, 2015), a fim de sustentar a hipótese de que os esquemas analisados nos textos estão cognitivamente menos salientes para os participantes da pesquisa. Para a discussão, consideramos contextos de ensino pouco centrados na promoção de experiências de uso ricas e significativas capazes de conduzir o acionamento eficiente de processos cognitivos de domínio geral para a estocagem de construções da L2 na memória do aprendiz. Os resultados demonstram que a instabilidade representacional em ambos os grupos de aprendizes é um indício da premente necessidade de diálogos entre o aporte teórico construcional e metodologias de ensino de L2.

Palavras-chave: Construções funcionais. Aprendizes surdos. Português brasileiro. Segunda língua.

ABSTRACT

In this article, from an investigation centered on use, we analyze the cognitive representation of nominal predication constructions of Brazilian Portuguese (BP) instantiated by the basic pattern [(S) V (functional) X], in which the verbs SER, ESTAR and FICAR are the protagonists in attributive, equitable and presentational schemes. Therefore, instances of these pattern are contemplated quantitatively and qualitatively in 58 productions written in PBL2 of 18 deaf students from higher education and 4 deaf children from elementary school, collected from *Corpus* NEIS-UFRJ. We start from the theoretical assumptions of the Use-Based Construction Grammar (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2016; PEREK, 2015), in order to support the hypothesis that the schemes analyzed in the texts are mentally less salient to the participants due to little teaching contexts centered on the promotion of rich and significant use experiences capable of driving the efficient activation of general domain cognitive processes for the storage of L2 constructions in the learner's memory. The results demonstrate that the representational instability in both groups of learners is an indication of the pressing need for dialogues between the theoretical constructional contribution and teaching methodologies of L2.

Keywords: Functional constructions. Deaf learners. Brazilian Portuguese. Second language.

¹ Professora Adjunta do Departamento de Letras – Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: lia.abrantes@letras.ufrj.br.

² Aluno da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e integrante do Núcleo de Estudos sobre InterlínguaS (NEIS-UFRJ) e do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G-Rio/UFRJ). E-mail: jpn0401@gmail.com.

Introdução

Durante muito tempo em Linguística, estudos relativos às comunidades surdas encontraram dificuldades para integrarem agendas de pesquisas prolixas e alimentadas teoricamente por diferentes perspectivas conceituais. No Brasil, assim como são iniciais os estudos descritivos da língua brasileira de sinais (Libras), dentre os quais destacamos trabalhos seminais iniciados no fim da década de 1980 por Lucinda Ferreira Brito, a descrição do que se convencionalizou chamar de português como segunda língua para a comunidade surda ainda se encontra em construção, no sentido de serem poucas as pesquisas que se debruçam sobre esse recorte à luz de propostas teóricas centradas no uso. Notadamente, insere-se na agenda de discussões uma recente perspectiva de estudo que se apresenta como uma cara oportunidade a considerações de larga amplitude tanto no escopo da teoria e da análise linguísticas quanto no da linguística aplicada ao ensino de línguas e, portanto, merece destaque significativo nos estudos linguísticos contemporâneos da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Apontar, no entanto, o estudo da escrita de aprendizes surdos em português brasileiro como segunda língua (PBL2) como um tópico ainda de pouca investigação não significa pressupor a inexistência de trabalhos ancorados em teorias e hipóteses fortemente difundidas em linguística, no que diz respeito ao tratamento descritivo dos processos de aquisição e de uso dessa língua por comunidades surdas brasileiras. Nesse ramo, destacam-se trabalhos recentes, tais como os de Freitas *et al.* (2018), Soares (2018), Nascimento *et al.* (2019), Nascimento (2020) e Freitas e Nascimento (2020), que têm contribuído significativamente para interpretação dos fenômenos sociocognitivos recorrentes na aprendizagem de PBL2 por indivíduos surdos de diferentes faixas etárias em uma abordagem construcionista da linguagem. O trabalho desses pesquisadores se soma aos de Gesueli, (1988), Góes (1994), Brochado (2003), Salles e Pires (2011), dentre outros que por diferentes perspectivas teórico-metodológicas direcionaram seus esforços para impulsionarem estudos relativos ao português escrito por surdos.

Além do olhar descritivo, também vem se construindo um debate em torno das contribuições diretas de modelos teóricos como o da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) ao ensino de PBL2. Uma proposta centrada tanto no desenvolvimento de conhecimentos textuais-discursivos quanto na decodificação e apreensão estrutural é o que se pretende para aprendizes surdos que ainda carecem de ensino orientado por metodologias consistentes. Possibilidades de aplicação de princípios teóricos e de concepções a respeito da natureza da linguagem vigentes na GCBU para a produção de materiais didáticos para o ensino de escrita para surdos são discutidas e exemplificadas em Soares (2020).

Dado o surgimento recente dos trabalhos nessa perspectiva, ainda não se pode apresentar os

resultados dessas considerações na rotina pedagógica de escolas bilíngues e inclusivas que recebem surdos no Brasil, posto que essa questão demanda tempo de difusão e aplicabilidade, além de outros fatores de cunho burocrático. Apesar disso, não se pode negar que a GCBU, enquanto construto teórico fortemente estruturado, presta-se à descrição linguística de produções de surdos em PBL2 e, por conseguinte, ao refinamento das práticas de ensino, na medida em que reflete o grau de complexidade cognitiva por detrás do uso de uma língua, seja ela L1 ou L2, contemplando fatores relacionados ao uso linguístico e à sua representação mental.

Com base nessas reflexões iniciais, defendemos que o ensino de PBL2 para surdos em perspectiva construcional é uma opção com pressupostos robustos bem fundamentados em habilidades sociocognitivas, como vem sendo indicado em Soares (2018; 2020) e Freitas Jr (2020). O conceito de construção – pareamentos convencionais de forma e sentido – como unidades mínimas a serem ensinadas, assume papel importante de modo que, por meio de escolhas metodológicas favoráveis ao recrutamento de habilidades cognitivas de domínio geral, tais unidades tomem parte na memória dos aprendizes.

Para essa discussão, tem destacada relevância o processo cognitivo de domínio geral denominado *chunking*. Como explica Bybee (2016), a atuação de *chunking* é de domínio geral pois não se restringe a processamento de informação gramatical, mas a qualquer tipo de conhecimento que pode ser agrupado a partir da associação de insumos, formando unidades robustas na memória. As construções de uma língua, por exemplo, são *chunks* que carregam informações associadas à forma (fonológicas, morfológicas, sintáticas) e ao significado (semântica, pragmática, discursiva), como se observará ao longo deste artigo.

Além de ponderações acerca do ensino, a descrição linguística por um viés construcional, tanto da língua-alvo em uso no Brasil quanto das produções dos aprendizes, consiste em um componente indispensável à compreensão do que significa, de fato, uma abordagem baseada no uso. Assim, pensemos, por exemplo, no ensino de padrões construcionais de predicação nominal do PB a aprendizes surdos, tais como os destacados no fragmento de reportagem abaixo.

Segundo a AFP, um artigo feito por cientistas chineses descobriu que **[uma forma aerossolizada do novo coronavírus] estava [presente nos banheiros de pacientes de um hospital de Wuhan]. Segundo estudos, [o novo coronavírus] é [eliminado nas fezes]. (...)**

Por isso, o estudo norte americano comparou o tempo de sobrevivência do vírus SARS-CoV-2 e do SARS-CoV-1. **[O primeiro] é [o coronavírus], responsável pela Covid-19. [O segundo], é [o vírus que provoca a Influenza]. Os vírus foram testados por 7 dias em diferentes superfícies a uma temperatura entre 21 e 23°C, com 40% de umidade.**

Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/19/quanto-tempo-o-coronavirus-sobrevive-nas-superficies-estudo-aponta-que-plastico-e-aco-ampliam-a-sobrevida.ghtml>

O fragmento apresenta a construção [(S) V_(funcional) X] de alta produtividade em PB, materializada nas sentenças grifadas. Adotar instâncias de uso dessa construção como unidade de ensino requer observação de diferentes aspectos, uma vez que envolve tratamento gradiente do *input* com suas variáveis, conhecimento de metodologias de ensino de L2 e esforços para experiências autênticas e frequentes com tal *input*. São requisitos necessários ao fortalecimento cognitivo das construções cujas possibilidades de preenchimento dos *slots* (posições) veremos adiante, ao apresentarmos as formas que os constituintes podem assumir como sujeito e como predicado. Há, ainda, questões de distinções construcionais interlinguísticas que podem interferir no processo de aprendizagem, as quais não devem ser deixadas à parte.

Partindo, pois, do conhecimento de que aprendizes surdos brasileiros frequentemente são submetidos a práticas pedagógicas de ensino de L2 que não se sustentam em uma teoria linguística consistente e dão margem à fossilização de inconsistências no sistema, a presente investigação se propõe à análise da representação cognitiva de construções de predicação nominal, como as exemplificadas acima, alcançada por aprendizes surdos. Com o propósito de demonstrarmos os efeitos da ritualização de um ensino não-construcional de PBL2 para esse público-alvo, analisamos dados produzidos por adultos e por jovens (crianças e adolescentes), que foram coletados do *Corpus NEIS-UFRJ*, de modo a demonstrar que aprendizes de diferentes idades e níveis de escolaridade podem exibir níveis semelhantes de conhecimento do uso de uma construção linguística e de suas respectivas potencialidades pragmático-discursivas na língua-alvo.

1. A construção em foco em perspectiva centrada no uso

Em uma visão emergentista, de modo geral, saber uma língua traduz-se no armazenamento de um conjunto de unidades simbólicas via generalização por experiência de uso e recrutamento de habilidades cognitivas não especificamente linguísticas. Assim, neste trabalho, adotamos os postulados teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), especificamente o modelo da GCBU (GOLDEBERG, 2006; HOFFMANN e TROUSDALE, 2013; PEREK, 2015), com vistas ao entendimento de como a análise de dados de produções escritas em PBL2 por aprendizes surdos pode fornecer subsídios à interpretação da representação cognitiva de construções.

Inicialmente, a GCBU pode ser entendida como resultado da convergência de três críticas ao formalismo linguístico tecidas no âmbito da Linguística Funcional, da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções. Portanto, trata-se de um modelo gramatical que rompe com postulados que desconsideram impactos de uso linguístico na representação mental da língua e que não pressupõem a

existência de uma cognição unicamente voltada para a linguagem, ou uma divisão modular das áreas da gramática.

Nesse sentido, o modelo da GCBU propõe que o conhecimento linguístico pode ser representado como uma rede de construções, o *constructicon*, cuja forma pode ser explicada tanto por habilidades cognitivas gerais quanto pela experiência dos falantes com o uso linguístico real. Dessa maneira, a construção destaca-se como uma unidade mínima a ser adquirida e pode ser definida mais tecnicamente como qualquer padrão linguístico não inteiramente previsto a partir de suas partes componentes (GOLDBERG, 2006).

O aspecto simbólico das construções consiste na característica imanente que as define: o fato de serem pareamentos convencionais de forma e função, exibindo, assim, uma face estrutural e uma face semântica que somente possuem pertinência no sistema linguístico quando indissociáveis. Inclusive, justamente por essa lógica aplicar-se simultaneamente a padrões de diferentes níveis de análise linguística, a visão construcional não estrutura uma distinção entre léxico e gramática, na medida em que adota esses dois polos como gradientes ao prever construções [\pm LEXICAIS].

Nesse sentido, em uma abordagem construcional, situamos o conhecimento linguístico que os falantes de uma língua têm internalizado como um componente momentâneo, cuja emergência está condicionada ao recrutamento de processos cognitivos de domínio geral e a aspectos do uso frequente de construções. Em outras palavras, os pareamentos de forma-sentido são emergentes do uso e funcionam, ao mesmo tempo, como base e reforço para representação mental do conhecimento linguístico.

Uma vez compreendido o conceito de construção gramatical, bem como sua aplicação a todos os níveis da língua, é possível especular sobre a arquitetura do *constructicon* dos usuários de língua. O *constructicon* consiste em um inventário de construções armazenadas na memória dos falantes, o qual exhibe as possibilidades taxonômicas de esquemas e a maneira como estes se relacionam por *links* formais e semânticos, estabelecendo gradiência entre construções [+ LEXICAIS] e [+ GRAMATICAIS].

O modelo da GCBU, portanto, não se esculpe em uma lógica minimalista, visto que o *constructicon* mostra-se robusto e abarca uma série de redundâncias que espelham a língua por si e sua constante reconfiguração propiciada pelo uso e pela solidificação de novas experiências. Logo, trata-se de um modelo representativo maximalista ao qual interessa o modo que as entidades linguísticas são incorporadas à cognição pela experiência real da espécie humana sem pressupor

pré-existências de categorias e se agrupam conexionalmente em uma rede implícita permanentemente mutável. Por isso, afirma-se que a gramática é emergente da experiência e da formação de hábitos com a língua e que a linguagem humana, em um modelo que prevê centralidade representacional para a variação e a gradiência, consiste em um sistema adaptativo complexo (BYBEE, 2016).

Investigações conduzidas no âmbito do Núcleo de Estudos sobre InterlínguaS (NEIS-UFRJ) têm apresentado análises descritivas de textos escritos por aprendizes surdos brasileiros, assim como explicações sobre os fenômenos que fazem emergir um sistema linguístico com características divergentes daquelas do PB em uso por nativos em uma perspectiva construcional (FREITAS JR *et al*, 2018; SOARES, 2018; NASCIMENTO *et al*, 2019; NASCIMENTO, 2020). Neste estudo, investigamos três subesquemas do PB ligados à construção [(S) V_(funcional) X], em que se inserem os verbos *ser*, *estar* e *ficar*, a saber: esquemas atributivos, equativos e apresentacionais.

Os três verbos investigados figuram na categoria dos verbos funcionais, isto é, aqueles que não atribuem papel temático e que compartilham suas funções com outras categorias (CASTILHO, 2010). Esses verbos de natureza mais gramatical e menos lexical, também são tratados como verbos de ligação, copulativos ou predicativos (BECHARA, 1999; AZEREDO, 2008), denominações mais tradicionais, ou, ainda, não-dinâmicos (NEVES, 1999) ou relacionais (PAVÃO e VIEIRA, 2014).

Consideramos que a construção aqui estudada abarque pelo menos três subesquemas ou microconstruções com as seguintes configurações morfossintáticas e semânticas:

(1) [SN (sujeito) + V(funcional) + SAdj/SPrep (predicativo)], em que os sintagmas adjetival e preposicional são os responsáveis pela predicação e, em caso de não preenchimento da posição verbal, a construção atributiva passa a assumir um padrão de construção nominal composta apenas por um [SN];

Exemplo: *Essa viagem é muito importante para mim (...)*. (viagem muito importante) (Corpus Neis/UFRJ);

(2) [SN¹ (sujeito) + V(funcional) + SN² (equativo)], em que a posição do verbo apenas pode ser preenchida pelo verbo *ser*, a posição dos dois sintagmas é intercambiável e pode ser preenchida com a forma de infinitivo, correspondendo a um substantivo;

Exemplos: *Sou V. L. A., (...)*; *O meu objetivo é aprender inglês escrito*". (Corpus Neis/UFRJ)

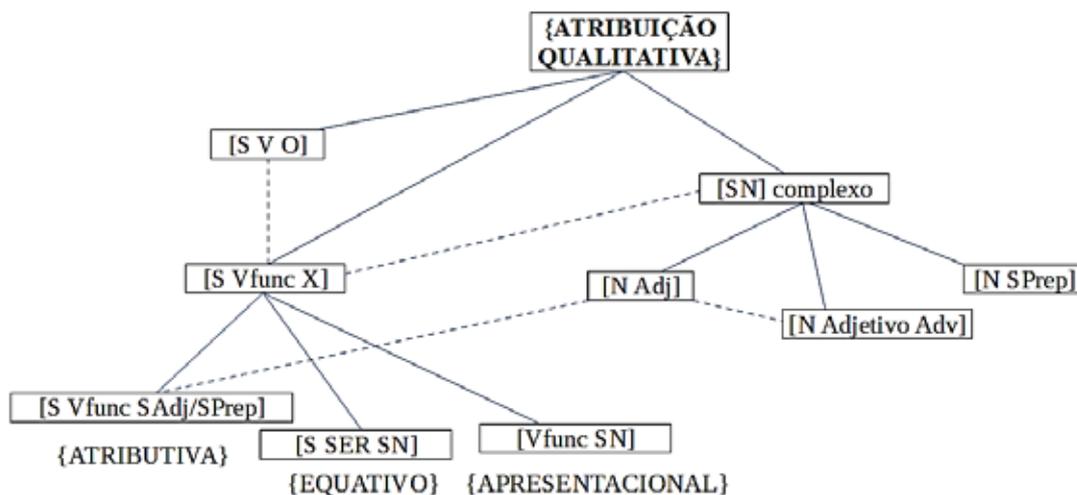
(3) [V(funcional) + SN], com função apresentacional, em que o verbo funcional e impessoal inicia a construção e o sintagma nominal único com frequência é indeterminado, conforme descrição de Castilho (2010).

Exemplo: *Era uma vez um rei e uma rainha (...)*. (Corpus Neis/UFRJ)

Em relação à função das construções selecionadas, (1) a atributiva qualifica o sujeito em estados que podem ser constantes, adquiridos ou resultativos ou o localiza no espaço; (2) a equativa estabelece uma relação de igualdade ou de identificação entre o sujeito e o equativo que não o predica e (3) a apresentacional salienta o SN que não recebe contribuição semântica do verbo *ser*, obscurecido pelo processo de gramaticalização, mas sim do contexto. No caso deste estudo, o micropadrão (3) tem baixa ocorrência no *corpus*, tendo sido observado apenas no idiomatismo “era uma vez”, representativo para indicação de algum período indefinido no passado, frequentemente usado em início de narrativas.

Em vista dessas características formais e semânticas de cada grupo aqui apresentado, consideramos viável sustentar a visão de que esses se tratam de micropadrões oriundos de [(S) V(funcional) X]. Partimos da divisão proposta por Castilho (2010) e em uma perspectiva construcional baseada no uso, confrontamos tais especificações de forma/sentido das construções atributiva, equativa e apresentacional à luz de suas relações em uma escala mais abrangente de representação no *constructicon*. Assim, a fim de localizarmos tais pareamentos, apresentamos abaixo uma proposta em rede:

Figura 1: Proposta de representação em rede para as construções em foco



Fonte: elaboração própria

Embora essas microconstruções sejam consideradas de uso frequente em PB, proporcionando experiência em variadas instâncias de uso da modalidade escrita, elas ainda são representadas de maneira inconsistente por aprendizes surdos jovens e adultos participantes da pesquisa, no que diz respeito tanto às marcas flexionais quanto à escolha do item verbal por sua base semântica. As razões

podem estar relacionadas à sutil informação semântica dos verbos funcionais que parece não ter sido bem compreendida pelos aprendizes. A descrição dos usos de *ser* e de *estar*, por exemplo, não se restringe às noções ‘permanente’ e ‘temporário’, embora sejam traços considerados como mais prototípicos de cada verbo. Em um modelo gradiente, contempla-se categorização de ocorrências desses verbos com traços diferentes dos prototípicos, sem exclusão de ocorrências como ‘A estação do metrô é/está a duas quadras daqui.’ A sentença é um exemplar de que as duas formas podem ser usadas no contexto de localização permanente e não apenas o verbo *ser*.

No caso dos verbos *estar* e *ficar*, a distinção também pode se apresentar embotada para um aprendiz não nativo do PB. Em termos de forma, pelos tipos de adjetivos com os quais podem se relacionar, a distinção não se faz produtiva, já que os dois verbos podem ser usados com os mesmos tipos. Bybee (2016) revisa estudos com verbos correspondentes em espanhol (*estar* e *quedarse*). Seguindo a descrição proposta para o espanhol, em uma tentativa de caracterização por traços que se opõem, *ficar* seria usado quando um agente externo causasse mudanças, enquanto que *estar* indica estado temporal. Os dados em português, no entanto, não confirmam tal caracterização de *ficar*, como se pode observar em:

- (4) Ele diz que não **fica** cansado, nada o perturba. (controle interno);
- (5) Eu **fiquei** cansado depois do trabalho. (O trabalho é o agente externo);
- (6) Estou cansado. Trabalhei o dia inteiro subindo e descendo escada.

Como mostram os exemplos, a tentativa de explicação que caracterize *estar* e *ficar* não parece estar nem no tipo de adjetivo nem no tipo de agente da mudança (interno ou externo). O exemplo (6) pressupõe uma mudança de estado verificada em (5), que levou à condição temporal (gradualmente transitória) referente ao momento da produção. Uma opção para abordar, em contexto de ensino de L2, os usos das construções com os dois verbos, com o auxílio de amostras contextualizadas, seria a exploração do contínuo em que se verifica a mudança de um estado para outro que leva à condição de definir marca de temporalidade a tal estado.

Possivelmente, aprendizes tenham dificuldades na distinção semântica desses verbos em razão da forma descontextualizada como os materiais didáticos apresentam exemplos de *ser* e *estar* (HUBAK, 2011), e de *ficar*. Não se descarta ainda o desconhecimento de professores para lidarem com as noções menos prototípicas desses verbos, quando o público alvo é composto por aprendizes que não contam com intuição de nativos do PB para seleção da melhor forma em dado contexto de uso. Entendemos que a caracterização binária por traços opostos – permanente/temporário – seja uma forma de organização didática para facilitar o processo de aprendizagem, tal como argumenta

Jakobson (1990). Esse argumento, no entanto, não exclui a necessidade de que gradualmente outras situações de uso sejam observadas a fim de que se ampliem os significados dessas construções e os aprendizes não nativos do PB possam compreendê-las e usá-las de forma adequada.

Ao tomarmos neste estudo a construção [(S) V_(funcional) X], do ponto de vista de sua produção por dois grupos de aprendizes distintos pela faixa etária e pelo tempo de escolarização, em uma abordagem descritiva, acionamos aspectos do modelo da GCBU por meio do controle da frequência *type* e de características semânticas e morfossintáticas dos itens usados no preenchimento dos *slots*. A partir do uso, buscaremos evidências para o estatuto representacional dessa construção do PB e de seus micropadrões, a fim de mensurarmos em até que medida os autores das amostras analisadas têm armazenado esses esquemas como exemplares a formarem *chunks* (agrupamentos que formam uma unidade) bem constituídos e fortes na memória.

2. Metodologia

Conduzimos uma metodologia com vistas a investigar os três subesquemas da construção [(S) V_(funcional) X] que aparentemente refletem muita instabilidade nas produções escritas por surdos, apesar de constituir enunciados de alta frequência de ocorrência no PB.

Os textos selecionados para a pesquisa compõem o *Corpus* NEIS e foram produzidos por aprendizes crianças, adolescentes e adultos, todos surdos de primeira geração³, sinalizantes, matriculados em instituição de ensino básico (Ensino Fundamental I) e superior, respectivamente. Todos os adultos participantes da pesquisa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, assim como os responsáveis pelas crianças.

Os 4 participantes do grupo A (crianças e adolescentes) produziram textos a partir da solicitação de uma narrativa cujos insumos motivadores não apresentavam *input* em PB, a saber: duas tirinhas e dois vídeos de narrativas em Libras. A escrita dos textos ocorreu durante sessões de atendimento educacional especializado, em atividades geradoras de dados que foram caracterizadas por distanciamento de intervenção pedagógica, uma vez que uma postura contrária poderia comprometer o produto e sua análise.

Os participantes adultos universitários (grupo B) produziram textos a partir de enunciados de quatro tarefas cujas solicitações consistiam em produção de (i) uma orelha de livro com o propósito de apresentar um professor, autor do livro, e três mensagens, cada uma a interlocutores diferentes – (ii) amigo, (iii) servidor público administrativo e (iv) professor –, com propósitos de: parabenizar

³ **Surdos de primeira geração** especifica indivíduos que não têm parentes surdos e que dependem de iniciativas de orientação especializada para aprenderem uma língua (SOARES, 2018).

pelo aniversário; solicitar informação sobre intercâmbio e solicitar uma carta de referência, respectivamente. A primeira tarefa requer indicação de formação acadêmica, experiências e pesquisas do professor/autor. Das outras três tarefas referentes à produção de mensagens, duas (iii e iv) requerem que os estudantes se apresentem brevemente e uma (ii), que elogiem um amigo. Todas as tarefas foram introduzidas por atividade leitora prévia que ofereceu insumo com o tipo de informação e configuração que cada gênero solicitado costuma apresentar.

A tabela 1 apresenta dados relevantes de ambos os grupos de participantes, os quais oferecem informações pertinentes ao contexto desta pesquisa e/ou de pesquisas futuras:

Tabela 1: informações sobre os grupos

	GRUPO A	GRUPO B
PERFIL	<ul style="list-style-type: none"> · 4 participantes de 10 a 15 anos; · Estudantes do ensino fundamental I em escola bilíngue; · Surdos de 1ª geração. 	<ul style="list-style-type: none"> · 18 participantes de 22 a 42 anos; · Estudantes do ensino superior e egressos de escolas bilíngues e inclusivas; · Surdos de 1ª geração.
CORPUS	10 textos (narrativas)	48 textos (mensagens e orelha de livro)

A escolha dos textos para investigação se deveu à alta probabilidade de uso da construção com verbos funcionais comumente empregada em atos comunicativos de apresentações, elogios e descrição em geral. Assim, a seleção totalizou 58 textos: 48 produzidos por 18 estudantes surdos do curso de bacharelado em Letras – Libras e 10 produzidos por 4 crianças/adolescentes. Nesse *corpus*, encontramos ocorrências de preenchimento e de não preenchimento do *slot* $V_{(funcional)}$, com os verbos com sentidos mais gramaticais: *ser*, *estar* e *ficar* em microconstruções atributiva, equativa e apresentativa.

Os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente com o auxílio da ferramenta computacional *WordSmith Tools*. A fim de detectar alguma constante nas produções em PB, observamos os dados a partir dos aspectos a seguir:

- (i) os verbos e suas formas mais frequentes encontrados no *corpus*;
- (ii) o tipo de enunciado e seu estatuto semântico, em que os preenchimentos ocorrem ou não;
- (iii) a natureza dos sintagmas sujeito.

Isso posto, ao contemplarmos dados de $[(S) V_{(funcional)} X]$ produzidos com lacunas inferidas a partir do contexto e dos *inputs* para as produções textuais, averiguamos o modo como a descrição linguística de tais padrões da maneira como foram representados por ambos os grupos de aprendizes surdos investigados se relaciona a discussões de recrutamento de processos cognitivos de domínio geral, especialmente *chunking*. Assim, a comparação das análises quantitativas e qualitativas seguindo

as variáveis elencadas acima, na medida em que propiciam um grau elevado de refinamento descritivo, podem espelhar aspectos de forma-sentido dos micropadrões que, justamente por serem divergentes da representação vigente na língua-alvo, implicam problemas de ordem representacional/perceptual.

3. Análise dos dados: resultados e discussão

A primeira etapa da análise levantou, nos dados selecionados de um total de 58 textos, as ocorrências de $V_{(func)}$ preenchidas (1) com e (2) sem divergências, além das sequências em que a posição de $V_{(func)}$ (3) não foi preenchida, como mostram os exemplos abaixo. A análise quantitativa dos dados permitiu a busca por padrões mais salientes a serem investigados durante a pesquisa.

(1) (...) *Eu, L, é seu aluno* (...).

(2) *O cisne disse: – você não é feio.*

(3) *Eu, MC, tenho 22 anos, estudante.*

O quadro a seguir apresenta a frequência das formas preenchidas e das inferidas (não preenchidas) por meio de inconsistentes sequências de SN e SAdj e pelo contexto que motivou as produções.

Quadro 1: frequência de ocorrência de $V_{(func)}$

	FORMAS PREENCHIDAS				FORMAS INFERIDAS (Ø)			
	GRUPO A		GRUPO B		GRUPO A		GRUPO B	
$V_{(func)}$	forma	número	forma	número	forma	número	forma	número
SER	é	7	é	31	é	5	é	16
	sou	2	sou	5	sou	2	sou	2
	era	2	foi	4	foram	1	será	1
	-	-	era	1	era	1	são	1
	-	-	será	1	eram	3	-	0
	-	0	-	0	são	1	-	0
ESTAR	está	1	-	0	está	3	-	0
FICAR	-	0	-	0	ficou	5	-	0
	-	-	-	-	ficaram	1	-	0
TOTAL	12		42		22		20	

Na amostra das narrativas (34 sequências em 10 textos) produzidas pelos 4 participantes do grupo A, foram encontrados apenas 12 (35%) preenchimentos da posição $V_{(func)}$, sendo 11 correspondentes ao verbo SER, dos quais 9 são formas de primeira e segunda pessoas do singular do presente do indicativo, tempo verbal tipicamente introduzido em fases iniciais de aprendizagem.

Em contraste, foram identificadas outras 22 sequências (80% a mais) sem o *slot* de $V_{(func)}$ preenchido, mas que parecem corresponder a construções equativas, atributivas e apresentacionais, para as quais sugerimos preenchimentos listados à direita no Quadro 1, categorizados como ‘formas inferidas’.

A figura a seguir é uma amostra dos preenchimentos do grupo A com a forma verbal mais frequente dentre os verbos investigados.

Figura 2: amostra dos preenchimentos de $V_{(func)}$ mais frequentes do grupo A

N	Concordance
1	O terceiro patinho nasceu é branco muito feio.
2	O segundo patinho nasceu é amarelo.
3	O primeiro patinho nasceu é amarelo.
4	a porta sete anões cama é branca de neve.
5	uma menina chamou nome é Branca de neve.
6	um rei e uma rainha escolha é uma menina chamou
7	O cisne disse: - você não é feio, eu gosta de você!

Como se pode observar na amostra, apesar da realização da forma verbal, as relações combinatórias entre os itens das sentenças ainda não se dá plenamente, exceto no exemplo 7, produzido por um aprendiz de 12 anos. Uma observação individual dos textos desse aprendiz, identifica que ainda há ocorrências sem preenchimento de $V_{(func)}$. A instabilidade no uso dos subesquemas da construção funcional parece evidenciar sua ainda inconsistente representação na memória dos aprendizes.

O exemplo 4 mostra a troca da forma *está* por *é* no preenchimento da posição de $V_{(func)}$ em uma sequência que parece corresponder a uma construção atributiva (Branca de Neve está sobre as camas dos sete anões), apesar de a posição dos itens não se adequar ao padrão combinatório do PB. Apesar de as trocas entre formas de um verbo por outro não apresentarem um quantitativo expressivo na amostra, a diferença no uso de *ser* e de *estar* pode consistir em um problema para aprendizes surdos, refletido nas várias posições vazias. A ausência dos verbos funcionais pode ser um indicativo de inconsistências em relação não só à forma, mas principalmente aos significados dos verbos *ser*, *estar* e *ficar*, conforme discussão proposta na seção 2. As ocorrências sem preenchimento (65%) encontradas nos textos seriam, portanto, uma evidência da forma inconsistente como a construção funcional está armazenada na memória dos aprendizes do grupo A.

É compreensível que esses aprendizes, em fase inicial de aprendizagem de L2 escrita (ensino fundamental), ainda não demonstrem rico repertório lexical do PB e estratégias textuais que lhes permitam a produção de textos que materializem suas intenções. Por outro lado, não se quer dizer que não seja possível aprender construções de uso tão frequente na língua, quando ensinadas por meio de metodologia específica para ensino de L2 escrita, ainda nos primeiros anos do ensino fundamental.

Em relação ao grupo B, os preenchimentos da posição $V_{(func)}$, encontrados nos textos dos adultos, somam 42 ocorrências, 100% referentes ao verbo *ser*, dos quais 31 (74%) assumiram a forma *é*. Os preenchimentos restantes (26%) ocorrem com as formas *era*, *será*, *foi* e *sou*. O recorte a seguir exemplifica algumas das ocorrências preenchidas com *é*.

Figura 3: amostra de alguns preenchimentos de $V_{(func)}$ mais frequentes do grupo B

N	Concordance
1	Fabrcia é muito legal que
2	Você é uma pessoa bacana, feliz,
3	objetivo é busca a criar conhecimento
4	bem Ele é professor Atualmente, Ø
5	Meu pedido é para eu pode ter a chance
6	Esse é muito importante para mim
7	viagem é muito importante para mim,
8	para mim, é uma oportunidade para eu
9	e meu foco é português O tema do meu
10	meu projeto é "O preconceito linguística

Havia expectativa de mais preenchimentos com a forma *sou*, já que duas das quatro tarefas solicitavam que os estudantes se identificassem. Apenas um se identificou nas duas tarefas, usando três vezes a forma *sou* (e.g. *Sou aluna do UFRJ. Sou a sua aluna do 3º período.*). As outras quatro ocorrências, encontradas na amostra composta por 28 textos referentes apenas às duas tarefas, foram produzidas por quatro participantes que cumpriram a indicação de se apresentarem em somente uma das tarefas. Vale a observação de que verificamos outros dois exemplares que correspondem à expressão de identificação do estudante, apesar da não realização do $V_{(func)}$, a saber:

(4) *Eu, MC, tenho 22 anos, estudante (...)* (grupo B)

(5) *(...) tenho 28 anos estudando UFRJ no 3º período e monitora no CLAC.* (grupo B)

Esses resultados indicam haver ainda instabilidade na representação tanto da função de identificação pessoal expressa pelas atributivas e pelas equativas, tendo em vista que a maioria dos aprendizes não as utilizou, quanto da forma exigida para a constituição intraconstrucional, ou seja, a combinação dos tipos de itens de preenchimento obrigatório para a materialização das sentenças. Um ato comunicativo essencial como o de identificação/apresentação pessoal não deveria apresentar tanta instabilidade depois de vários anos de escolarização. As inconsistências observadas nos textos podem indicar armazenamento de sequências que não constituem fortes *chunks* (unidade de armazenamento na memória).

Estudos como os de Almeida (2007) e Crato e Carnio (2009) identificam presença frequente de formas verbais no infinitivo como uma característica das produções escritas por surdos, no entanto, no conjunto de dados observados neste estudo, nenhuma ocorrência em forma de infinitivo dos verbos funcionais investigados foi encontrada no *corpus* analisado. Todos os preenchimentos da posição $V_{(func)}$

assumiram formas conjugadas, mesmo que inadequadas, principalmente na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (*é*). Essa informação pode ser uma indicação de que nem mesmo a decisão por qual forma infinitiva pode ser estabelecida em razão de a face semântica dos verbos funcionais não estar clara para os aprendizes dos dois grupos.

Embora fique muito saliente no *corpus* as várias sequências sem preenchimento do $V_{(func)}$ (42 \emptyset de 96 sequências analisadas), considerando os dois grupos, o quantitativo de preenchimentos com a forma ‘*é*’ (38 de 54) se mostra expressivo. Este resultado parece um indício de que *é* já compõe representação construcional mais destacada que as outras formas de *ser*. Essa observação pode ser explicada pelo processo de transferência da forma soletrada *É*, empréstimo que tem sido usado em Libras. A gradual incorporação de *é* em construções equativas e atributivas da Libras parece indicar que há em curso um processo de reanálise dessas construções. As experiências recentes com *é* tomando parte das construções funcionais da Libras podem ter sido tão significativas para os aprendizes surdos a ponto de causar efeito de “retransferência” da Libras para o PB. Em outras palavras, sugerimos que o uso de tais construções em processo de mudança desencadeia um processo de recategorização que afeta também as construções funcionais com *é* usadas em PB.

Além de considerar os processos de reanálise, recategorização e “retransferência”, destacamos ainda *chunking* como um mecanismo coocorrente. Com base nas análises dos núcleos do SN sujeito, encontramos indicações importantes que podem revelar explicações com base no processamento de *chunking* para enriquecimento da memória. Foram observadas destacada frequência de ocorrência do *chunk* [*X + é*], em torno de 90% encontrado nos textos dos adultos, em que a posição do sujeito *X* é preenchida por (i) pronomes pessoais *ele*, *ela* e *você* (10 ocorrências), (ii) nomes de pessoas (8 ocorrências) e (iii) sintagmas nominais de núcleo ‘substantivo’ com traço mais animado (2 ocorrências). Esse *chunk*, parte integrante dos subesquemas atributivos e equativos, com os quais aprendizes teriam contato em atos de linguagem para identificação pessoal, já teria representação com algum grau de saliência na memória, conforme os exemplos a seguir:

(6) *Ele é professor (...)* (grupo B)

(7) *Fabírcia é muito legal que maravilhosa.* (grupo B)

(8) *O segundo patinho nasceu é amarelo.* (grupo A)

Os dados revelam que o traço semântico de animacidade do sujeito pode ter algum efeito na identificação do padrão [*X + é*]. *Chunks* com sujeitos mais animados apresentaram menos *slots* vazios de $V_{(func)}$ do que aqueles com sujeitos de traço menos animado. A análise mostrou que dos 20 *slots*

preenchidos com sujeito menos animado, 11 não apresentam $V_{(func)}$, como mostram os exemplos a seguir, selecionados da amostra do grupo B.

(9) *Não conseguir ler e escrita Ø mais difícil porque não tem interesse dentro de texto(...)*

(10) *Meu sonho Ø estudar GALAUDET (...)*

(11) *Projeto Ø pesquisar Libras Durante 2 anos.*

(12) *Meu curso Ø Letras-Libras e 3 período.*

As amostras indicam que o processo de reanálise ainda não mostra amplo efeito em todos os usos das construções funcionais, isto é, mudança que envolva todos os tipos de constituinte que as componham. Experiências frágeis, sem variedade, sem contexto significativo e pouco frequentes constituem forte explicação para adultos universitários ainda não demonstrarem internalização dos subesquemas funcionais com seus traços componentes.

Uma análise mais geral dos dados revela que ora o sujeito não é preenchido ora o verbo, assim como ocorre com os sinais de pontuação, o que agrava a legibilidade dos textos. Quando esse fenômeno de tantas ausências se junta a outras inadequações tais como ordem de colocação dos itens e mescla de construções, a leitura dos textos fica comprometida. Os trechos a seguir exemplificam nossa argumentação em favor de uma abordagem construcional de análise e de ensino.

(13) *era uma vez um rei e uma rainha escolha é uma menina chamou nome é Branca de neve.*
(grupo A)

(14) *Me chamo é M, sou aluno (...)* (grupo B)

A primeira sequência de (13) indica a percepção de um padrão construcional recorrente nas narrativas com as quais crianças têm maior acesso [era uma vez + um rei e uma rainha]. A microconstrução apresentacional seguida de um SN indefinido configura um bom exemplo de que os aprendizes são capazes de representar padrões construcionais do PB, se a eles forem oferecidas experiências frequentes, significativas e gradualmente ricas e diversas para que mais e mais padrões construcionais emergjam na memória que se pretende rica.

Ainda sobre o exemplo (13), a sequência que segue a analisada no parágrafo anterior não corresponde a uma construção bem formada em PB, assim como ocorre com o exemplo (14). Há mescla de padrões construcionais dos seguintes tipos: [nome de X é Y], [possessivo nome é + X]; [É um(a) X chamada Y] ou ainda [X chamar-se Y]. Ao que parece, as opções de padrões usados

em PB com a função de nomear seres e coisas ainda não tiveram sua forma bem percebida entre os aprendizes crianças/adolescentes e adultos.

Embora os casos que envolvem as construções funcionais com o verbo *ser* tenham apresentado maior quantitativo em relação aos verbos *estar* e *ficar*, o *corpus* traz dados em que o não preenchimento do *slot* $V_{(func)}$ pode ser explicado pela inconsistência de seus significados. Sugerimos que uma competição entre esses três ainda fracos competidores impeça a seleção do item mais adequado à materialização das construções equativas e das atributivas. No âmbito da forma, os exemplos a seguir, selecionados do grupo A, poderiam ter os *slots* verbais preenchidos por pelo menos dois dos três verbos, com exceção do primeiro *slot* de (19).

(15) *O patinho Ø muito triste.*

(16) *O cisne Ø muito feliz!*

(17) *Pessoa Ø triste HAHAAH triste Ø branco.*

(18) *Mamãe branco Ø igual feliz.*

(19) *Cascão Ø peso junto Ø ansado*

Com base no vídeo motivador para as produções dos aprendizes, verifica-se que o sentido de estado permanente não se aplica bem ao contexto da narrativa, no entanto, os sentidos de mudança de estado (*ficar*) e de condição temporal gradualmente transitória (*estar*) se mostram adequados. Sem compreensão da face do sentido, a construção funcional não configura um *chunk* consistente e, portanto, sua representação na memória parece comprometida.

Os dados indicam competição intra e interconstrucional observada nos subesquemas atributivos e equativos da construção funcional. A indicação é mais saliente no sistema linguístico dos aprendizes jovens (crianças e adolescentes) que naquele dos aprendizes adultos, embora a expectativa fosse de que o grupo B não apresentasse inconsistências de uso de uma construção de alta frequência. Em uma perspectiva construcionista de ensino de língua, em que a experiência com *input* linguístico é indispensável para percepção de padrões que pareiam forma e significado, prevê-se que a competição não se mantém por muito tempo, dando lugar a construções categorizadas que formam *chunks* fortes em uma rede conceitual com potencial crescente.

Considerações finais

O estudo descritivo de produções escritas em PBL2 por aprendizes surdos em uma abordagem

construcional ainda é pouco explorado no Brasil. Dentre os poucos trabalhos científicos que situam este objeto de investigação em discussões no âmbito da LFCU, destacam-se contribuições de pesquisas realizadas por integrantes do NEIS-UFRJ, que se dedicam a interpretações sob a ótica de teoria linguística emergentista para os fenômenos pressentidos na aprendizagem, no desenvolvimento e no uso de PB por surdos. Nesse viés, este artigo se debruçou sobre o estudo da representação cognitiva de microesquemas atributivos, equativos e apresentativos da construção funcional [(S) V_(func) X] do PB em aprendizes surdos pertencentes a faixas etárias distintas.

Um dos maiores desafios para a consolidação de estudos nessa vertente reside na dificuldade de se equilibrar considerações teóricas da GCBU e de estudos em aquisição de L2 sem deixar de lado questões outras atreladas a discussões sobre metodologias de ensino eficazes e aprendizagem em geral. Entretanto, na mesma medida em que se percebem desafios nessa abordagem, observam-se também inúmeros benefícios das aproximações ao modelo construcional da linguagem para a delimitação de uma área relativamente nova, uma vez que a concepção de gramática defendida permite um tratamento de dados de PBL2 não só com amplo repertório descritivo, como também incrementações explanatórias capazes de explicar, a partir da observação do uso real, a maneira como conhecimentos estruturais e discursivo-textuais da L2 são representados cognitivamente.

A partir da análise quantitativa e qualitativa de dados escritos em PBL2 selecionados do *Corpus* NEIS, os quais se dividiram entre produções de aprendizes crianças/adolescentes (grupo A) e de aprendizes adultos (grupo B), controlamos variáveis relativas à constituição formal e semântica dos referidos padrões utilizados, a fim de perceber constantes quanto às produções dos aprendizes e refletir sobre o que essas poderiam significar em termos de representação mental. Confirmamos a hipótese de que ausências de preenchimentos e incompatibilidades nos preenchimentos dos *slots* motivadas por escolhas inadequadas, em ambos os grupos, parecem demonstrar (i) dificuldades típicas de aprendizes de L2 quanto ao reconhecimento distintivo dos verbos *ser*, *estar* e *ficar* em termos de significado e (ii) baixo grau de percepção e de armazenamento cognitivo eficiente dos esquemas como *chunks*.

Além disso, os resultados demonstraram que a frequência da forma ‘é’ antecedida de um nominal (geralmente, pronome e substantivo próprio), mesmo quando não configura a escolha adequada ao preenchimento de V_(func), chama atenção. Parece que há reconhecimento parcial das construções atributivas e equativas, condicionadas ao *chunk* [PRONOME_(reto)/NOME_(próprio) + é]. Consideramos ser esse fenômeno subsidiado pela “retransferência” do empréstimo cada vez mais usado na Libras, e talvez, em razão de um ensino centrado em paradigmas pouco contextualizados, e

não em construções em seus respectivos contextos de uso – fator que salienta a necessidade de uma abordagem pedagógica ancorada nos pressupostos do modelo construcional, conforme defendem estudos recentes (SOARES, 2018, 2020; FREITAS, 2020; NASCIMENTO, 2020).

Em suma, verificamos que fenômenos recorrentes nos domínios dos sistemas linguísticos utilizados por aprendizes surdos de PBL2 para a comunicação escrita, se contemplados pela perspectiva centrada no uso, não só concorrem como fontes de explicações descritivas acerca do processo de aprendizagem de L2, mas também fornecem fortes evidências ao debate sobre a reformulação do ensino de escrita para surdos. Em outras palavras, o foco na análise de construções específicas do PB, a exemplo das construções funcionais, considerando aspectos de forma, sentido e frequência de uso de itens que figuram ou não nos esquemas, possibilita simultaneamente a identificação de estágios específicos de representação mental de construções da língua-alvo e de dificuldades de produção escrita nessa língua. A partir das evidências encontradas, é possível sanar impropriedades no sistema da L2 emergente, com intervenções didáticas que tenham como propósito propiciar contextos favoráveis ao recrutamento de processos cognitivos de domínio geral para armazenamento consistente de novas construções.

Referências

ALMEIDA, Janete Alves. *Aquisição do sistema verbal do português por escrito pelos surdos*. Dissertação (Mestrado em linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília–UNB, Brasília, 122f. 2007.

BROCHADO, Sonia Maria D. *A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2003.

BYBEE, Joan. *Língua, Uso e Cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

CRATO, Aline Nascimento; CARNIO, Maria Silvia. Análise da flexão verbal de tempo na escrita de surdos sinalizadores. *Rev. bras. educ. espec.*, Marília, v. 15, n. 2, p. 233-250, Aug. 2009.

FREITAS JR, Roberto; SOARES, Lia Abrantes Antunes; NASCIMENTO, João Paulo da Silva; XAVIER, Hosana Sheila da Silva Rosa. Será um grande de aprendizado: uma análise descritiva dos aspectos linguísticos da escrita de surdos em PBL2 - Interfaces entre textualidade, uso e cognição no estado de interlíngua. Rio de Janeiro. *Pensares em revista*, v. 01, p. 0729, 2018.

FREITAS JR, Roberto de; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. Aquisição e ensino de PBL2 para surdos: um estudo de caso sobre a hipótese do choque construcional na interlíngua. In: FREITAS JR, Roberto de.; SOARES, Lia Abrantes Antunes; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. (Orgs.) *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas* – 1ª Edição. 2020.

FREITAS JR, Roberto de. Por uma abordagem construcional e aplicada de ensino de PBL2 de surdos: integrando a GCBU aos PCNLE e às OCEMLE. In: FREITAS JR, Roberto de; SOARES, Lia Abrantes Antunes; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. (Orgs.) *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas* – 1ª Edição. 2020.

GESUELI, Zilda Maria. *A criança não ouvinte e a aquisição da escrita*. Dissertação de mestrado. UNICAMP. 1988.

GÓES, Maria Cecília R. de. *A linguagem escrita de alunos surdos e a comunicação bimodal*. Livre-Docência em Psicologia Educacional. UNICAMP, 1994.

GOLDBERG, Adelle. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Cambridge: University Press, 2006.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: OUP, 2013. p. 49-69.

HUBACK, Ana Paula. A aquisição de ser e estar no ensino de português como língua estrangeira. *Revista do GEL*, v. 8, n. 1, p. 91-107, 2011.

JAKOBSON, Roman. Some questions of meaning. In: WAUGH, L. R. (Ed.). *On language: Roman Jakobson*. Cambridge, MA : Harvard University Press, 1990. p. 315-23.

KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael. *Introuction: a usage-based conception of language*. Rice University, 1999.

LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira; PIRES, Lilian Coelho. Desenvolvimento linguístico na aquisição de português L2 (escrito) por surdos: a estrutura do sintagma nominal. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, 2011.

NASCIMENTO, João Paulo da Silva; SOARES, Lia Abrantes Antunes; FREITAS JR, Roberto. Os bastidores da escrita: análise cognitivo-funcional de processos cognitivos operantes na aquisição de PBL2 por surdos bilíngues. *Revista Diálogos*, RevDia, 2019. <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/>

index.php/revdia/article/view/7772/html

NASCIMENTO, João Paulo da Silva. *A escrita infantil de surdos de primeira geração: um estudo cognitivo-funcional sobre o recrutamento de processos mentais de domínio geral na aquisição de PBL2*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020. <http://hdl.handle.net/11422/6230>

PAVÃO, Bruna Gois; VIEIRA, Marcia dos Santos Machado. Predicações com os verbos relacionais ser e estar. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 14, Dezembro 2013.

SOARES, Lia Abrantes Antunes. *A emergência de um sistema de competidores: um estudo cognitivo-funcional dos processos mentais subjacentes ao desenvolvimento do PBL2 em surdos universitários*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335101609_A_emergencia_de_um_sistema_de_competidores_um_estudo_cognitivo-funcional_de_processos_mentais_subjacentes_ao_desenvolvimento_do_PBL2_em_surdos_universitarios

SOARES, Lia Abrantes Antunes. A produção de materiais para ensino de português escrito por uma abordagem baseada no uso. In: FREITAS JR, Roberto de (Orgs); SOARES, Lia Abrantes Antunes (Orgs); NASCIMENTO, João Paulo da Silva (Orgs). *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas – 1ª Edição*. 2020. Disponível em: https://94b3d809-26d2-46d3-a4b3-90b788c112ac.filesusr.com/ugd/6f9e86_4a56361025554af3b090922562ff2da8.pdf